

Editorial

Claudia Wasserman*

Um dos mais polêmicos e brilhantes entre os historiadores europeus, Eric Hobsbawm escreveu em sua recente biografia um “quase lamento” sobre a dificuldade dos profissionais de história em ultrapassar os limites do Estado-nação:

“A história, infelizmente, continua a ser uma série de nichos de mercado para os que escrevem e para os que lêem. Em minha geração, somente um punhado de historiadores procurou integrá-los numa história abrangente do mundo. Isso ocorreu em parte devido à incapacidade quase total da história, por motivos sobretudo institucionais e lingüísticos, de emancipar-se da moldura Estado-nação. Em retrospecto, esse provincianismo foi talvez a maior debilidade do tema em meu tempo de vida”.¹

Existe, no entanto, um campo do conhecimento histórico cuja moldura espacial ultrapassa os limites do estado-nação: a História da América Latina. E, mais do que ultrapassar esses limites geográficos, os latino-americanistas sempre tiveram uma preocupação com o “resto do mundo”. Muito embora essa preocupação estivesse mais relacionada com a produção do conhecimento histórico latino-americano como reflexo imediato dos episódios ocorridos na Europa e nos Estados Unidos, o fascínio que o desenvolvimento daqueles lugares exerceu sobre a intelectualidade latino-americana, obrigou-a, ao mesmo tempo, a um não isolamento. Assim, um dos principais problemas atribuídos àqueles que se dedicam ao estudo das sociedades latino-americanas, a dependência, poderia converter-se em uma das suas maiores virtudes, um olhar menos egocêntrico.

Algumas das mais impressionantes interpretações acerca da história subcontinental estiveram associadas ao clássico “A Tempestade”, escrita pelo dramaturgo inglês William Shakespeare, em 1612. A obra conta a história de um rico Duque italiano, Próspero de Milão, que, destronado pelo irmão, foge para o exílio e é vítima de um naufrágio. Acompanhado de sua filha, Miranda, e de Ariel, intelectual a seu serviço, Próspero encontra abrigo em uma ilha, habitada pelo nativo Caliban. Os nobres personagens da história tomam conta do lugar

* Dra. em História (UFRJ), Professora do Curso de Graduação em História da UFRGS, Professora-orientadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, organizadora deste volume da Revista Anos 90.

¹ HOBSBAWM, Eric. *Tempos Interessantes. Uma vida no século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 323.

imediatamente. Próspero submete Caliban à escravidão ensinando-lhe a sua língua. Enquanto Próspero adverte que ensinou a linguagem ao escravo, conferindo-lhe nome e identidade, Caliban argumenta que esse aprendizado servia para amaldiçoar o senhor e para que ele entendesse as suas cruéis palavras de revolta.² Em um momento de descuido de Próspero, Caliban mescla seu sangue com o de Miranda, dando início à mestiçagem.

A alusão do gênio de Shakespeare aos colonizados que, ao invés de manterem sua língua, adotaram a língua dos colonizadores, e à mestiçagem, que prevaleceu na América Latina muito mais do que entre outros povos que foram igualmente vítimas de processos de colonização, transformou a obra em uma referência clássica para as abordagens sobre a história latino-americana, sobressaindo, em cada caso, um dos personagens da trama.³ Independente da trajetória de todas as interpretações realizadas sobre “A Tempestade” ressalta, para a análise da produção de conhecimento histórico especificamente latino-americano, duas questões indissociáveis: a visão de que na América Latina prevalecem “mundos conectados” (os mundos ou as visões de mundo de Próspero, de Ariel, de Miranda e de Caliban) e a angústia entre a adoção dos padrões culturais dos opostos (Próspero ou Caliban). Neste sentido, o maior desafio dos historiadores latino-americanos é justamente ultrapassar as barreiras e obstáculos interpostos ao longo de todo o século XX pela moldura do estado-nação e, ao mesmo tempo, afirmar a identidade latino-americana e sua conexão com o resto do mundo.

A produção da história da América Latina remete aos problemas, questionamentos e premissas que dizem respeito a todo o grupo de profissionais que compõe o amplo campo da história como conhecimento científico, mas tem certas particularidades provenientes da opção por essa moldura espacial e cultural. A primeira delas diz respeito à própria existência desse campo de conhecimento de modo relativamente autônomo. Pode-se falar numa história latino-americana? Ou, seria mais adequado realizar uma reflexão independente sobre as diferentes histórias nacionais do amplo espectro de países que compõe o subcontinente? É conveniente, fértil ou eficiente para os fins do conhecimento científico, a existência de uma reflexão transversal que analise simultaneamente as histórias nacionais e a América Latina como um todo?

Para responder a essas questões, observa-se os elementos que conferiram identidade à América Latina e também àquelas características que afastaram uns países dos outros. A América Latina é uma entidade social cuja denominação

² “Ensinaste-me a falar; disso, meu único proveito é saber amaldiçoar. Que a peste rubra vos roa, por me haveres ensinado a vossa língua” – A Tempestade, ato I, cena 2.

³ Entre algumas leituras conhecidas da obra de Shakespeare, destaque: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1991, primeira edição de 1900. MORSE, Richard. *O espelho de Próspero*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. FERNÁNDEZ RE/TAMAR, Roberto. *Caliban e outros ensaios*. São Paulo: Busca Vida, 1988. AROCENA, Felipe & DE LEÓN, Eduardo. *El Complejo de Próspero. Ensayos sobre cultura, modernidad y modernización en América Latina*. Montevideo: Vintén Editor, 1993.

foi atribuída em contraposição ao domínio espanhol na região. Também já fora chamada de Iberoamérica, para designar os países de colonização portuguesa ou espanhola, e Indoamérica, com objetivo de congregar regiões habitadas por povos nativos, erroneamente chamados índios, porque foi descoberta por um europeu que procurava as Índias. Subcontinental, periférica, subdesenvolvida: todos esses adjetivos atribuídos à América Latina estiveram destinados a dividir o continente americano em duas porções econômica e socialmente distintas. A unidade que aproximou os países localizados ao sul do rio Bravo, os latino-americanos, foi, portanto, "*mais sofrida do que escolhida*" e é perceptível nas grandes fases da história e na identidade dos problemas que esses países enfrentam.

As grandes fases da história que permitem entender a América Latina como uma unidade foram o processo de conquista, colonização, as independências políticas, a chamada fase de 'anarquia' e as dificuldades de construir ordenamentos políticos estáveis, o processo de formação de estados nacionais, o predomínio das oligarquias primário-exportadoras e a construção de Estados oligárquicos, a crise das oligarquias e o advento do populismo, revoltas e revoluções, resultantes do crescimento dos setores populares urbanos, movimentos camponeses, ditaduras militares, redemocratizações conservadoras, reaparecimento de movimentos sociais e outros eventos ou processos que aproximaram historicamente os países desse lado do mundo.

Entre os problemas enfrentados pelos países latino-americanos, e que permitem entendê-los de modo mais ou menos unificado estão a dependência econômica em relação aos centros hegemônicos do capitalismo; a permanência e o redobramento da exploração, baseada em relações pessoais e clientelares; um processo de industrialização com base na substituição de importações e nas demandas internacionais; a hipertrofia do aparato repressivo do estado e pouca participação política dos setores populares.

Assim, as fases da história e os problemas enfrentados por esses países permitem atribuí-los uma denominação que lhes forneça unidade. Adverte-se, no entanto, que nem todos os profissionais de história na América Latina dedicam-se à história latino-americana. Esta última, reconhecida como campo do conhecimento histórico suscita uma série de questionamentos em relação às práticas dos seus especialistas, ao esforço intelectual em estabelecer conexões nem sempre visíveis entre países, culturas e povos.

Numa reflexão sobre o "ofício do historiador" da América Latina, salientam-se dois problemas metodológicos da maior importância: como lidar com a complexidade e a amplitude do tema e como trabalhar com a adequação de aparatos conceituais construídos para entender sociedades não latino-americanas? A complexidade e a amplitude da temática latino-americana refere-se, principalmente, em como é possível converter assuntos que poderiam ter uma análise apenas nacional em uma interpretação cuja abrangência ultrapasse esses limites? A metodologia consagrada para "*romper com a singularidade dos casos*" é

a história comparada. Desde o início da década de 70, algumas instituições que se dedicam à produção do conhecimento histórico tiveram uma preocupação em promover o encontro de historiadores e cientistas sociais de toda a América Latina para debater temas comuns e cujas conclusões/publicações pudessem se converter em sínteses desses assuntos para a história subcontinental.⁴ Esses esforços estiveram orientados no sentido de entender os problemas comuns aos países latino-americanos e terminaram consagrando-se como as primeiras tentativas de aproximar as histórias nacionais, ainda sem conectá-las ou compará-las com maior rigor.

O magistral esforço realizado por Pablo González Casanova em reunir a história operária, camponesa e de “meio século” da quase totalidade dos países latino-americanos em três coleções é um exemplo dessa atitude, no sentido de alinhar histórias nacionais numa mesma perspectiva, dando voz aos especialistas em cada país, para que, no futuro, pudesse ser realizada a comparação entre elas.⁵ O trabalho coordenado por Leopoldo Zea, publicado em 1986,⁶ vai nesta mesma direção: reunir os mais consagrados cientistas sociais do continente latino-americano e refletir sobre questões pontuais acerca do pensamento intelectual na região.

A obra de autores como Agustín Cueva,⁷ Marcello Carmagnani⁸ e Halperin Dongui⁹ merecem destaque porque remetem imediatamente à comparação entre os países, numa interpretação que seleciona uma temática definida e, a partir de uma mesma percepção teórica, analisa vários países simultaneamente. Nesta mesma linha surgiram estudos sobre a militarização do Estado na América

⁴ Como exemplos posso citar o livro que teve origem de um seminário realizado na UNAM, em 1973: BENÍTEZ ZENTEÑO, Raúl (organizador). *Classes sociales y crisis política en América Latina*. México: Siglo XXI, 1977. Uma outra publicação, coordenada por José Serra, que juntava ensaios sobre desenvolvimento econômico latino-americano, até então “dispersos”: SERRA, José (org.) *América Latina. Ensayos de interpretación económica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. E o livro oriundo de um seminário organizado pelo CEBRAP, em 1982: SORJ, Bernardo et al. *Economía e movimientos sociales en América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Nos seminários participaram os mais destacados nomes das ciências sociais latino-americanas e o formato dos debates tentava construir uma reflexão conjunta sobre as várias formações nacionais da América Latina.

⁵ GONZALEZ CASANOVA, Pablo (coord.). *Historia del movimiento obrero en América Latina*. México: siglo XXI, 1984.

GONZALEZ CASANOVA, Pablo (coord.). *América Latina. Historia de medio siglo*. México: Siglo XXI, 1977.

GONZALEZ CASANOVA, Pablo (coord.). *Historia política de los campesinos latino-americanos*. México: Siglo XXI, 1984. 4 vols.

⁶ ZEA, Leopoldo (coord.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI, 1986.

⁷ CUEVA, Agustín. *El desarrollo del capitalismo en América Latina*. México: Siglo XXI, 1977.

⁸ CARMAGNANI, Marcello. *Estado y Sociedad en América Latina: 1850-1930*. Barcelona: Crítica, 1984.

⁹ HALPERIN DONGUI, Túlío. *Historia da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

Latina, como aqueles escritos por Alain Rouquié¹⁰ e Joseph Comblin.¹¹ Ainda numa perspectiva comparada, têm surgido estudos cuja análise está centrada em dois ou três países e não em todo o subcontinente, em função das dificuldades de acesso à bibliografia e da possibilidade de aprofundamento dos temas selecionados. Destacaria entre eles o trabalho de Pascal Arnaud¹² e o meu livro, “*Palavra de Presidente*”, que discute o caso de três países latino-americanos à época de crise do Estado oligárquico.¹³

Finalmente, a obra coordenada por Leslie Bethell¹⁴, “*História da América Latina*”, da Cambridge University, publicado em 1986 em inglês e traduzida somente em 1991 para o espanhol, representa um avanço em termos de atualização e renovação dos estudos históricos em cada país, discussão de temas comuns a todos e um aprofundamento na história de países e regiões maiores. Composta de 16 volumes na versão da Editora Crítica, Barcelona, a obra comporta artigos sobre pensamento intelectual latino-americano, industrialização, conflitos rurais, movimento operário e, ao mesmo tempo, apresenta tópicos sobre os países (Brasil, Argentina, Venezuela, etc.) e regiões (América Central, Caribe, América do Sul), além de ensaios bibliográficos que enriquecem o final de cada volume.

Esses são apenas alguns exemplos de uma atitude comparativa que vem se desenvolvendo crescentemente entre os estudiosos da história latino-americana, comprovando que uma das exigências de ofício para esses especialistas está relacionada com um manejo adequado do paradigma “sistema-mundo”, consagrado por Immanuel Wallerstein, no qual a América Latina aparece “conectada”.¹⁵ Muito próximo da concepção de sistema-mundo capitalista, o autor mexicano Carlos Aguirre adota essa perspectiva teórica para análise dos recentes processos político-sociais latino-americanos, numa obra marcante para o desenvolvimento do ofício do historiador da América Latina.¹⁶ O livro aborda

¹⁰ ROUQUIÉ, Alain. *O Estado militar na América Latina*. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

¹¹ COMBLIN, Pe. Joseph. *A ideologia da Segurança Nacional: o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

¹² ARNAUD, Pascal. *Estado y capitalismo en América Latina: casos de México y Argentina*. México: Siglo XXI, 1981.

¹³ WASSERMAN, Claudia. *Palavra de Presidente*. Porto Alegre: Edufrgs, 2002.

¹⁴ BETHELL, Leslie (ed.). *História da América Latina*. 16 volumes. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

¹⁵ I. Wallerstein propõe ultrapassar o marco nacional para analisar o moderno sistema-mundo capitalista, surgido a partir do século XVI, no qual a América Latina inseriu-se a partir da conquista. Ver WALLERSTEIN, Immanuel. *El Moderno Sistema Mundial*. Três volumes. México: Siglo XXI, 1979, 1984, 1998. A expressão ‘histórias conectadas’, ou “connected histories” foi usada pelo historiador do império português Sanjay Subrahmanyam e remete à idéia de que as histórias são múltiplas e ligadas entre si, mas cabe ao historiador converter-se numa espécie de electricista, encarregado de estabelecer conexões entre nações e continentes que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam.

¹⁶ AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *América Latina: história e presente*. México: Red Utopia, 2001. O livro estará sendo publicado proximamente no Brasil pela Editora Papyrus.

problemas conceituais como globalização e mundialização; metodológicos, como a questão das temporalidades para a história latino-americana; e historiográficos. Prenuncia novas abordagens e delimita um campo consagrado para o conhecimento histórico, a América Latina, no qual Próspero, o rico duque italiano descrito por Shakespeare, deixaria de exercer o seu inevitável poder de sedução sobre o historiador da região.

Neste sentido, além das questões da complexidade e universalidade desse campo do conhecimento histórico, problemas em avançado estágio de desenvolvimento em função dos debates internos sobre atitudes comparativas, adoção de uma perspectiva de sistema-mundo para o entendimento das realidades latino-americanas e uma noção de “connected historie”,¹⁷ o segundo ponto que deve ser abordado ao pensar na atividade do historiador da América Latina diz respeito justamente ao paradoxo entre adotar uma postura universalista e, ao mesmo tempo, conservar a identidade latino-americana.

A sedução que Próspero exerceu sobre o imaginário latino-americano foi muito grande. O “complexo de Próspero” descreve uma admiração incorrigível pela cultura dos países hegemônicos do capitalismo. Ao longo dos últimos 500 anos foram construídos os estereótipos de um contraditório casal. De um lado, as sociedades modernas e progressistas do norte e, de outro, as atrasadas do sul. Nas primeiras (Europa e Estados Unidos) imperava a racionalidade, as regras formais, a institucionalização do sistema, o respeito às diferenças e aos direitos humanos, à individualidade e às liberdades. Na América Latina prevaleceram sistemas políticos autoritários, caudilhescos, corruptos e instáveis, onde os direitos políticos e individuais foram sistematicamente desrespeitados e as instituições não mantinham estabilidade para defender a liberdade e as regras.

Traçando um paralelo com a história de Shakespeare, nosso personagem Ariel, intelectual a serviço de Próspero, teria um papel fundamental no debate acerca do relacionamento entre esses opostos. Ariel oscila entre aceitar a cultura de Caliban ou impor a cultura de Próspero. Sua admiração em relação a essa, não obscurece o fato de que a destruição da primeira traria conseqüências desastrosas, inclusive do ponto de vista ambiental, fator imprescindível para a sobrevivência de todos na ilha de Caliban.

A existência de intelectuais como Bolívar, Sarmiento, Alberdi, Bartolomé Mitre, Lucas Alamán, Varnhagen, Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre; dos positivistas aos marxistas; dos capitalinos aos desenvolvimentistas; os neoliberais e todos que, mesmo sem confessar, sofreram dessa atração exercida pela modernidade representada por países da Europa, particularmente a França e a Inglaterra, e pelos Estados Unidos, foi responsável pela crença na possibilidade de alcançar o patamar de desenvolvimento econômico, político e cultural das potências mundiais do capitalismo.

¹⁷ Ver nota 15.

Ao mesmo tempo, muitos pensadores latino-americanos denunciavam atitudes de submissão aos modelos externos e a assimilação inadequada de idéias às características nacionais. O desejo de afirmar a existência de uma cultura especificamente latino-americana, frente às metrópoles ibéricas e em contraposição aos Estados Unidos, também acompanhou a intelectualidade dos países da América Latina. Mais do que exaltar os valores especificamente nacionais, esses autores afirmavam a latino-americanidade. O conteúdo das denúncias de estrangeirismos revelava a existência de um sentimento maior do que o nacional, uma condição profundamente continentalista. Mesmo em uma época de afirmação do estado-nação, alguns autores latino-americanos desafiaram seu tempo e lugar, ampliando o sentido de pertencimento para o âmbito subcontinental. Exemplos dessa ampliação do campo identitário estão na obra intelectual e política de homens como José Enrique Rodó, José Martí, Manoel Bonfim, os universitários de Córdoba (1918), José Carlos Mariátegui, Raul Victor Haya de la Torre, José Vasconcelos, Manuel Martínez Estrada, Rufino Blanco Fombona, Fidel, Arbenz e movimentos sociais como aquele protagonizado pelas camadas populares mexicanas em Chiapas.

No princípio, Ariel estava totalmente imbuído de levar adiante um projeto civilizador, assumia integralmente a cultura de Próspero e condenava a sociedade da ilha pela sua lascívia. Aos poucos, no entanto, Ariel percebe que Próspero e sua cultura, pretensamente civilizatória, não eram perfeitos. Condenar Caliban à escravidão, a mais humilhante das relações produtivas da humanidade e destruir sua cultura, fonte de riqueza espiritual dos povos, pareciam grandes ofensas ao “espírito do ar” que habitava em Ariel.

Assim, toda a história do pensamento intelectual latino-americano oscilou entre tentar alcançar um patamar de desenvolvimento semelhante aos povos europeus e norte-americanos e, por outro lado, manter tradições, heranças, crenças e rituais próprios. Ou seja, o pensamento intelectual latino-americano oscila entre a modernidade e a identidade. O historiador chileno Eduardo Devés, numa obra sobre o pensamento intelectual, observa o predomínio dos conceitos de modernização e identidade como os “dois grandes conceitos ou problemas que delimitam, estruturam e ordenam o pensamento latino-americano do século XX”.¹⁸ Além dessa atitude pendular, observa-se um problema próprio da reflexão latino-americana sobre a realidade: como se converter em moderno e, ao mesmo tempo, conservar a identidade?

Aos historiadores da América Latina ficou reservada uma cota de participação importante nesse debate. Realizada com base no desenvolvimento de teorias e métodos elaborados para a interpretação das sociedades européias, a história latino-americana sofreu inúmeras vezes os males da inadequação entre a realidade concreta e o aparato conceptual. Como “as idéias não estão fora do lugar”, o desenvolvimento de teorias acerca da América Latina foi resultado de

¹⁸ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Del Ariel de Rodó a la Cepal: 1900-1950*. Buenos Aires: Biblos, 2000.

sua inserção política, social e econômica como unidade relativamente autônoma e diferenciada no mundo capitalista ocidental, mas também como um elo débil neste sistema: a periferia.

Ao longo do período colonial, a reflexão sobre a realidade latino-americana esteve centrada nas metrópoles. A formação de homens cultos era privilégio dos grandes centros de ensino da Europa ou das universidades coloniais que eram profundamente elitistas e conservadoras. Os padrões culturais que imperavam eram os do além-mar. A adoção do liberalismo após as independências políticas seguiu uma tendência determinada pela posição assumida pelos países latino-americanos no cenário internacional, de produtores de matérias-primas e consumidores de manufaturados. Depois das independências, as elites latino-americanas passaram a menosprezar a herança espanhola e se aproximaram da França, que fornecia o escopo filosófico às elites ilustradas, e da Inglaterra, que se apresentava como modelo de desenvolvimento econômico. Desde então, toda a história do pensamento latino-americano esteve marcada pela luta entre a originalidade e a imitação.

Aqueles historiadores, principalmente os do século XIX e início do século XX que tentaram explicar as profundas desigualdades sociais existentes nos países da América Latina, como a miséria, a corrupção, a violência, a falta de desenvolvimento, a dependência, o descaso com a vida e a desvalorização da humanidade, com base em idéias preconcebidas como sendo a América Latina o lugar do “precário, provisório, inacabado e incompleto”, tinham em mente evidentemente um modelo previamente concebido do que era o “completo, acabado e definitivo”. O que se encontra por trás de análises como essas? Porque ao analisar a nação latino-americana ou a revolução, ou o desenvolvimento, os pesquisadores, cientistas políticos e sociais, economistas e historiadores, encontram desvios, deformações, incompletudes e precariedades? Evidentemente porque eles têm em mente um modelo previamente concebido de revolução, de nação e de desenvolvimento. São os modelos europeu e norte-americano. Estudar e discutir processos históricos com base nos exemplos ocorridos em primeira mão é altamente pertinente na construção do conhecimento. Assim, a Revolução Francesa, o desenvolvimento industrial norte-americano, a construção dos alicerces do Estado inglês etc. podem nos ajudar a identificar algumas regras muito gerais sobre um processo revolucionário, político-administrativo ou econômico. Deve-se, no entanto, evitar a tentativa de encontrar os mesmos resultados.

A consequência deste tipo de análise, que toma como modelos ideais a construção das nações européias, os resultados da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, as consequências da Revolução Francesa ou o desenvolvimento econômico inglês tem sido a inútil verificação de “*deformações, desvios, incompletudes e frustrações*” nos processos históricos dos países da América Latina.

“La Nación Inconclusa”, do uruguaio Jorge Abelardo Ramos; “La Revolución Interrumpida”, do mexicano Adolfo Gilly; “El fracaso argentino”, de José Gabriel Vazeilles; “Capitalismo tardío”, do brasileiro João Manuel Cardoso de Mello ou “A comédia brasileira”, de Décio Freitas são títulos de livros, cujos adjetivos dados a uma situação histórica particular evidenciam a postura de seus autores: existe um lugar onde a nação está concluída, a revolução não foi interrompida, o capitalismo não é tardio e temas como o fracasso e a comédia fazem parte apenas da vida cotidiana e individual.

Ainda assim, os historiadores subcontinentais não apenas sofreram dos males advindos da contradição entre identidade/modernidade, originalidade/imitação, mas também discutiram esses problemas. José Luis Romero, por exemplo, observa que o sistema de idéias elaborado na Europa projetou-se significativamente na direção dos pensadores latino-americanos; para ele foi na América “... donde la europeización se desarrolló de manera radical”.¹⁹ Para Zea, no entanto, “...la historia de las ideas latinoamericanas es la historia de unirse apartando paulatinamente de los modelos importados”.²⁰ Em Charles A. Hale observa-se uma postura mais flexível em relação à dependência cultural: “... las ideologías, los programas políticos y las teorías sociales del siglo XIX, aun siendo intelectualmente ‘europeas’, no por ello dejaban de ser distinta y auténticamente ‘latinoamericanas’, en parte porque surgieron en naciones que gozaban de independencia política”.²¹

A condição de periferia no sistema capitalista mundial influenciou não apenas a definição dos principais problemas do ofício do historiador latino-americano mas também demarcou as principais tarefas dos profissionais. Entre elas, a luta por um desenvolvimento institucional mais acelerado e o próprio reconhecimento profissional, tanto do ponto de vista formal, como por parte da sociedade.

Outra questão crucial para o desenvolvimento do campo é assumir a grandiosa tarefa de organização e preservação dos acervos documentais. Nesta tarefa os historiadores latino-americanos terão de enfrentar a estranha hierarquia daqueles que não consideram prioritária a preservação da memória, da cultura e dos acervos em vista de que seus países são econômica e socialmente miseráveis. Advirta-se que, quanto menor for a preservação cultural, tanto mais pobres esses países serão.

Apoiar o desenvolvimento das histórias nacionais também está entre as prioridades do historiador da América Latina, mesmo que o campo de conhecimento seja mais amplo e pretenda ultrapassar os limites do estado-nação. Essa tarefa

¹⁹ ROMERO, José Luis. “Las ideas en la Argentina del siglo XX”. Buenos Aires: Biblioteca actual, 1987, p. 11

²⁰ ZEA, Leopoldo. *Op.cit.*, p. 12.

²¹ HALE, Charles A. “Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930” in BETHELL, Leslie. “Historia de América Latina (cultura y sociedad, 1830-1930)”. Barcelona: Crítica, 1991, vol. 8, p. 1.

deverá ocorrer de modo concomitante com a atitude comparativa. A análise das “histórias conectadas” com uma perspectiva de sistema-mundo depende em grande medida da excelência no desenvolvimento das histórias singulares e do estudo de temas pontuais em cada uma dessas regiões.

Finalmente, cabe ao historiador latino-americano procurar construir seus fundamentos teóricos com base nos processos empíricos observados em sua própria realidade. Sem esquecer da contribuição européia e norte-americana no campo conceitual, o historiador latino-americano terá que romper definitivamente comportamentos de submissão teórico-metodológicos. Sua tarefa será resgatar o desenvolvimento da produção histórica e historiográfica européia, transcendendo explicações eurocênicas; uma “visão que vá além tanto da tradicional versão eurocêntrica, como da simplista negação do aporte europeu a nossa civilização”.²²

Assim como a dependência econômica, as dependências culturais e conceituais vem sendo objetos de discussões por parte dos intelectuais, historiadores e demais cientistas sociais da América Latina, resultando na adoção de um comportamento menos submisso e mais responsável que tenta adaptar criativamente as teorias e métodos elaborados para interpretação da história européia ao estudo das realidades latino-americanas, e também construindo teorias próprias para o entendimento dessa dimensão do conhecimento histórico.

A superação dos males advindos da dependência cultural será a busca do entendimento na própria história dos países latino-americanos, os motivos, as soluções e as prioridades de debate, sem modelos pre-concebidos com base na experiência de outros povos e sem perder de vista as especificidades culturais de cada um.

Problemas como a complexidade e a amplitude da temática latino-americana, as dificuldades de adequação de aparatos conceituais construídos para entender sociedades não latino-americanas e a dependência cultural se tornaram os debates mais importantes para aqueles que se dedicam ao estudo da história latino-americana.

Contudo, esses “males” advertem o historiador desse campo do conhecimento histórico para a sua fragilidade no que diz respeito à construção do saber, os perigos políticos inerentes à profissão e à necessidade de uma postura crítica em relação ao próprio ofício. A possibilidade de ultrapassar os limites do estado-nação nos liberta do *provincianismo* lamentado por Hobsbawm mas, ao mesmo tempo, nos submete a uma crítica constante sobre como proceder a construção de conhecimento histórico numa perspectiva comparativa que preserve especificidades, reservando aos estudos sobre a América Latina um lugar fundamental nas múltiplas conexões da história mundial.

²² AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Los problemas y las tareas del historiador en América Latina* in *Breves Ensayos Críticos*. México: Universidad Michoacana San Nicolás de Hidalgo, 2000, p. 57.

Esse volume da Revista Anos 90 está dedicado justamente à história da América Latina, mais especificamente ao pensamento latino-americano e sua produção historiográfica. O artigo de **Carlos Aguirre Rojas** trata da construção dos mitos fundadores da memória histórica no México e da intensa disputa pelo domínio desse campo. Aguirre aborda os temas da independência, da reforma liberal e da revolução mexicana como histórias mitificadas pelas elites e também aborda a questão das “memórias alternativas”, sua resistência e a recorrência na disputa ideológica. **Paulo Drinot** traça um painel da produção historiográfica peruana e demonstra também a luta pela construção da memória histórica, assim como trata do papel do historiador e o debate travado entre os historiadores peruanos sobre a função social do conhecimento histórico. **Samuel Moncada** aborda a vigência do pensamento de Simón Bolívar na Venezuela e o debate sobre como o pensamento político/intelectual pode ser fonte de mobilização social, ao mesmo tempo em que remete a discussão para o papel político do historiador. O artigo de **Eduardo Devés Valdés** também fala da repercussão do conhecimento histórico, mas seu debate gira mais em torno dos processos de circulação do conhecimento e das possíveis influências do pensamento latino-americano na África, remetendo a discussão para uma referência terceiro-mundista. O artigo que me coube nesse volume trata das condições de produção e do processo de repercussão do conhecimento histórico em relação à questão nacional. Aborda o percurso intelectual e historiográfico dessa temática. Ainda dentro do dossiê “Pensamento e historiografia na América Latina” há uma entrevista com dois dos mais importantes historiadores latino-americanos, os argentinos **Halperin Donghi** e **José Carlos Chiaramonte**, realizada por **Cesar Augusto Barcellos Guazzelli** e **Maria Medianeira Padoin**, em outubro de 2000, no Instituto de História Americana e Argentina Dr. Emilio Ravignani, da Universidade de Buenos Aires. No mesmo ano, os professores **Eduardo Neumann** e **Temístocles César** tiveram a oportunidade de entrevistar o mexicanista francês **Serge Gruzinski**, que abordou o seu percurso intelectual na história latino-americana e falou sobre projetos e temas daquele ano, inclusive sobre sua visão acerca das “comemorações” dos 500 anos de Brasil. O professor **Cesar Augusto Barcellos Guazzelli** contribuiu com um artigo sobre a sua pesquisa sobre as “fronteiras americanas”. Fruto de uma longa pesquisa nesse campo, Guazzelli aborda a questão teórica e as questões referentes à fronteira norte-americana, temas de grande interesse para os problemas da integração política, comercial, mas também de âmbito cultural entre as “duas Américas”. Finalmente, o aporte de duas resenhas de estudantes do Mestrado em História, a jornalista **Carla Ferreira**, e do Bacharelado em História, **Maria da Glória de Oliveira**, ambas da UFRGS, tratando de livros escritos por professores dessa Universidade e de outros centros acadêmicos. Nossos agradecimentos aos acadêmicos do Curso de História **Cintia Belloc Moreira**, que fez a transcrição da entrevista dos professores argentinos, e **Arthur Lima de Ávila**, que traduziu para o português o artigo do professor

Drinot. Agradecimentos especiais à **Sra. Marininha Rocha**, Vice Pró-Reitora de Pesquisa desta Universidade, que tem apoiado as publicações deste Programa de Pós-Graduação em História.

Tomara que este volume da Revista Anos 90 possa suprir um pouco das lacunas e dos problemas que acometem o ofício do historiador latino-americano.